

III. BREVE NOTA SOBRE A RELIGIÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

1. O sentimento religioso acompanha a evolução da condição humana e das civilizações desde o início dos tempos. Para bem e para mal. Em sua trajetória milenar, a religião ocupou diversos lugares no universo social, que vão da centralidade absoluta ao secularismo, que procura retirá-la do espaço público e confiná-la à vida privada. No plano político, ela esteve ligada à legitimação do poder, à dominação social e ao surgimento das primeiras leis, como manifestações pretensamente divinas. E, também, a guerras, perseguições e fundamentalismos diversos, da Inquisição ao Jihadismo. No plano existencial, a religião se liga a sentimentos humanos, como medo e esperança, e ao cultivo de valores morais e espirituais, que remetem ao bem, à solidariedade e à compaixão. A religiosidade, aqui, envolve a relação com o sobrenatural e o transcendente, com a concepção de que a vida não se limita a uma dimensão material ou física. Ao longo dos séculos, a humanidade busca nas manifestações religiosas – ensinamentos das escrituras, exemplos de vidas emblemáticas e o reconhecimento de lugares sagrados, entre outras – as respostas para questões existenciais básicas, como o sentido da vida e a inevitabilidade da morte.

2. Por muito tempo, o conhecimento convencional militou na crença de que o Estado moderno, a Revolução Científica e o Iluminismo empurrariam o sentimento religioso para a margem da história, superado pelo racionalismo e pelos avanços tecnológicos. E tudo sugeria que seria assim. De fato, com o advento do Estado moderno, notadamente a partir da Revolução Protestante, a religião perdeu sua centralidade no domínio público, que foi ocupado pelo poder estatal soberano¹. A Revolução Científica, por sua vez, com as transformações que operou nos fundamentos da física, da astronomia e da biologia, quebrou dogmas religiosos que haviam atravessado os séculos. A transição entre a visão tradicional pautada pela religião e o novo paradigma, todavia, não se deu sem paradoxos e contradições: como observou um historiador, Isaac Newton, um dos símbolos

¹ V. Thiago Magalhães Pires, *Entre a cruz e a espada: o espaço da religião em um Estado democrático de direito*. Mimeografado. Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2016. Como observa o autor, o conceito de soberania consolidou-se sobre os escombros das guerras religiosas na Europa, cabendo-lhe papel decisivo na secularização do Estado e seu distanciamento do discurso religioso. E complementa: “O principal símbolo desta passagem foi a paz de Vestfália, que garantiu a coexistência de diferentes confissões cristãs no Sacro Império Romano Germânico”.

deste período, dedicava “muito mais tempo ao estudo da Bíblia do que às leis da física”². Por fim, na sequência histórica de um século de longas guerras religiosas, o Iluminismo surgiu como um vigoroso movimento intelectual fundado no primado da razão, na liberdade, na tolerância e na separação entre Igreja e Estado. Thomas Woolston, no início do século XVIII, chegou a decretar que a morte do cristianismo ocorreria até 1900, previsão considerada excessivamente conservadora por Voltaire, que renunciara um fim mais próximo³. Fechando o ciclo, já avançado o século XIX, Karl Marx proclamou que a evolução da História levaria ao ocaso da religião⁴.

3. Não é difícil perceber que as diferentes previsões e profecias acerca da desaparecimento do sentimento religioso não se realizaram.

4. É certo que a modernidade trouxe, efetivamente, a secularização, a laicidade do Estado e a separação entre ciência e fé, com o deslocamento da religião, predominantemente, para o espaço da vida privada. A verdade, porém, é que mesmo depois de Copérnico, Galileu e Keller, com a teoria heliocêntrica do cosmos, de Darwin, com a origem das espécies e a seleção natural, e da revolução na física moderna, trazida pela teoria da relatividade, pela mecânica quântica e pela confirmação do bóson de Higgs – “a partícula de Deus” –, o sentimento de religiosidade não arrefeceu. O fato inelutável é que a ascensão das ciências e o avanço tecnológico não deram conta das demandas espirituais da condição humana. Apesar do humanismo, do agnosticismo e do ateísmo terem representantes intelectuais de grande expressão, quase 84% da população mundial professam alguma religião⁵. No Brasil, de acordo com levantamento do IBGE em 2010, apenas 8% dos entrevistados se declararam sem religião⁶. Nas palavras de Yuval Noah

² Yuval Noah Harari, *Homo Deus: a brief history of tomorrow*, 2017, p. 98: “*Though Newton himself was a deeply religious Christian who devoted far more time to studying the Bible than the laws of physics, the Scientific Revolution that he helped launch pushed God to the sidelines*”.

³ V. Fernando Catroga, *Entre deuses e césores: secularização, laicidade e religião civil*, 2006, p. 35. E, tb., Thiago Magalhães Pires, *Entre a cruz e a espada: o espaço da religião em um Estado democrático de direito*, cit., p. 64-65.

⁴ Karl Marx, *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, 2006 (1ª ed. 1843), p. 145-146.

⁵ *The Global Religious Landscape*. Disponível em <http://www.pewforum.org/2012/12/18/global-religious-landscape-exec/>, visitado em 27 ago 2017. Nada obstante isso, os 16% que não professam qualquer religião correspondem a 1,1 bilhão de pessoas. Isso faz deles o terceiro mais volumoso grupo no que diz respeito a opções religiosas, atrás apenas dos cristãos e dos muçulmanos, e de tamanho equivalente ao dos católicos.

⁶ Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.

Harari, “mais de um século após Nietzsche tê-lo pronunciado morto, Deus fez um retorno triunfal”⁷.

5. O fenômeno religioso, no entanto, passa por transformações profundas, com grande diversificação. Religiões que historicamente contam com maior número de adeptos – como as religiões abraâmicas (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo⁸), o Hinduísmo e o Budismo –, progressivamente cederam espaço a novas matrizes religiosas, originadas tanto da interação entre diferentes crenças ao longo do tempo, quanto de cismas internos. Esse contexto de maior diversidade e pluralismo também deu lugar ao surgimento de manifestações genéricas de fé, que não se traduzem necessariamente na filiação a uma religião específica. Mais recentemente se propagam, inclusive, as ditas *religiões sem Deus*, que propõem a desvinculação entre o conceito de religião e a crença em uma divindade transcendental⁹. O conceito, no entanto, não é de todo novo. Albert Einstein, que não acreditava no Deus da Bíblia, num Deus pessoal, se considerava um homem profundamente religioso¹⁰. Em célebre passagem, escreveu: “Acredito no Deus de Spinoza, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe, e não no Deus que se interessa pela sorte e pelas ações dos homens”¹¹.

6. Paralelamente às religiões institucionalizadas e à visão não religiosa da vida, existe também um humanismo espiritualizado, que se beneficia tanto da filosofia moral como de valores éticos colhidos em diferentes tradições religiosas¹². Compaixão, solidariedade, empatia e virtudes morais são traços comuns às diversas cosmovisões existentes¹³. Subjacente a esta crença humanista está a *regra de ouro*, encontrada nos *Analectos*, de Confúcio, no Tao-Te-Ching, na Bíblia Hebraica, nos Evangelhos ou no

⁷ Yuval Noah Harari, *Homo Deus: a brief history of tomorrow*, cit., p. 279.

⁸ O Judaísmo em si tem um número pequeno de adeptos – são cerca de 13 milhões de judeus no mundo –, mas tem sua expressão potencializada ao integrar-se à tradição judaico-cristã.

⁹ Ronald Dworkin, *Religion without God*, 2013, p. 5-6; e Roberto Mangabeira Unger, *The Religion of the Future*, 2016.

¹⁰ Albert Einstein, in *Living Philosophies: The Reflections of Some Eminent Men and Women of Our Time*, 1990, p. 6.

¹¹ Walter Isaacson, *Einstein: his life and universe*, 2007, p. 388-389. V. tb. *Religious and philosophical views of Albert Einstein*, disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Religious_and_philosophical_views_of_Albert_Einstein, acesso em 27 ago 2017.

¹² V. Thomas Moore, *A religion of one's own*, 2015.

¹³ Karen Armstrong, *Twelve steps for a compassionate life*, 2010; e Dalai Lama, *Beyond religion: ethics for a whole world*, 2011.

Nobre Caminho Óctuplo do Budismo. Seu conteúdo essencial consiste em “não fazer aos outros o que não gostaria que lhe fizessem”. Mesmo princípio materializado em uma das proposições do imperativo categórico kantiano: “Age de tal modo que a máxima da tua vontade (*i.e.*, o princípio que a inspira e move) possa se transformar em uma lei universal”¹⁴. Em outras palavras: não crie regras especiais para si, mas paute-se pelas que devam ser aplicadas igualmente a todos.

7. Uma última reflexão antes de encerrar este tópico. Secularismo, como consta da advertência feita na epígrafe deste voto, não implica em despreço à religião ou à religiosidade. Tampouco significa que as religiões não possam vocalizar suas crenças ou participar do diálogo amplo e aberto que caracteriza a democracia contemporânea¹⁵. É possível que uma sociedade seja moderna, plural e secular e, ainda assim, a religião desempenhar um papel importante. Exemplos emblemáticos nesse sentido são os Estados Unidos e o Japão. O secularismo se manifesta na convivência respeitosa entre cosmovisões distintas, sendo que no espaço público deve prevalecer a razão pública¹⁶, vale dizer, valores laicos que possam ser compartilhados por todos e por cada um, independentemente de suas convicções pessoais privadas.

8. À vista do que vem de ser exposto até aqui, é possível destacar duas constatações importantes. A primeira: a modernidade e todas as transformações culturais e científicas dos últimos 500 anos não levaram ao ocaso das religiões, ao desaparecimento do sentimento religioso, nem tampouco eliminaram a necessidade humana por algum grau de espiritualidade. Embora a religião tenha sido removida do centro dos sistemas sociais, a decisão do indivíduo em relação a ela – seja para aderir a uma, seja para rejeitar todas – ainda constitui uma das escolhas existenciais mais importantes da sua vida. A segunda constatação é que, a despeito da proeminência das religiões tradicionais, o mundo contemporâneo caracteriza-se pelo pluralismo e pela diversidade nessa matéria. Estima-se existirem mais de 4 mil religiões distintas, distribuídas pelas duas centenas de países do planeta¹⁷.

¹⁴ Immanuel Kant, *Groundwork of the metaphysics of morals*, 1998, p. 31.

¹⁵ Jürgen Habermas. *Notes on Post-Secular Society*. New Perspectives Quarterly, Vol. 25, Issue 4, Fall 2008, p. 21.

¹⁶ John Rawls. O liberalismo político. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. Brasília: Editora Ática, 2000, p. 261.

¹⁷ List of religions and spiritual traditions. *Wikipedia*. Acessível em

9. Diante desta realidade, o Estado deve desempenhar dois papéis decisivos na sua relação com a religião. Em primeiro lugar, cabe-lhe assegurar a *liberdade religiosa*, promovendo um ambiente de respeito e segurança para que as pessoas possam viver suas crenças livres de constrangimento ou preconceito. Em segundo lugar, é dever do Estado conservar uma posição de *neutralidade* no tocante às diferentes religiões, sem privilegiar ou desfavorecer qualquer uma delas. É nesse ambiente que se insere o debate a respeito do ensino religioso nas escolas públicas. O que está em jogo, na presente ação direta de inconstitucionalidade, é a definição do papel do Estado na educação religiosa das crianças e adolescentes brasileiros. Cumpre, portanto, estabelecer qual a melhor forma de prepará-los, com valores e informações, para que possam fazer as suas próprias escolhas na vida.